



13ª FEBRAT

NAS PONTAS DOS DEDOS: FIOS DE LÃ, LINHA, MEMÓRIAS E ANCESTRALIDADE NO TRICÔ DE DEDOS PARA CRIANÇAS

Anny Vitória Freire Muniz Alves, Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais, annyvutoriafm@gmail.com

Maria Beatriz de Freitas Vasconcelos, Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais, profa.mariabeatriz@gmail.com

Categoria: B

Palavras-chave: Tricô de dedos; Alfabetização e artes manuais; Ancestralidade; Memórias; Poesia.

Resumo expandido

A arte, em suas múltiplas expressões, constitui uma ferramenta potente para o desenvolvimento de habilidades fundamentais na infância. Ela permite a expansão do processo cognitivo, bem como da socialização e da apropriação cultural pela criança. Segundo Vygotsky, apud CARVALHO e CARVALHO (2023), o campo individual do ser humano está ligado de forma inseparável ao aspecto social. Por esse motivo, toda obra de arte, criada individual ou coletivamente, participa do mesmo processo de criação. Dessa forma, não existe uma criação artística puramente individual, desvinculada da interação com o meio social, histórico e cultural. Não apenas o contato com a arte, mas também a experiência de sua criação possibilita à criança a construção de relações com seu meio cultural e histórico. Isso é especialmente relevante em produções que potencializam o fazer com as mãos – uma tarefa que acompanha a história humana há séculos, presente em diversas culturas e com diferentes finalidades. No entanto, nas últimas décadas, com a popularização dos meios digitais e a abundância de brinquedos já estruturados, o hábito de praticar e presenciar artes manuais tornou-se cada vez mais escasso. Esse



13^a FEBRAT

fenômeno pode, de certo modo, afetar a criatividade e a oportunidade de desenvolver a dedicação à criação e à apreciação de algo feito com as próprias mãos. Tais efeitos já foram discutidos no âmbito da Indústria Cultural por autores como Walter Benjamin, em seus ensaios de *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2009). Além disso, Piaget (1974) também corrobora a importância de a criança criar seus próprios mundos enquanto descobre a realidade em que vive, em vez de recebê-la pronta. Cientes desse cenário e atuando com crianças em fase de alfabetização, propomos um Grupo de Trabalho Diversificado (GTD) para alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental. A atividade tem como objetivo proporcionar a experiência do tricô de dedos, um artesanato fácil e barato de colocar em prática, uma vez que os únicos materiais necessários são o fio – que pode ser de qualquer tipo (lã, barbante, linhas mais grossas, etc.) – e os próprios dedos, que servirão como agulhas. Ademais, as crianças são apresentadas a obras de arte que exploram temas de ancestralidade e memória por meio de linhas e fios. Este GTD integra a parte diversificada do currículo do Centro Pedagógico (Colégio de Aplicação) da UFMG, oferecendo às crianças de seis e sete anos uma oportunidade de aprendizado sensorial e criativo. A iniciativa busca, assim, proporcionar um espaço e um tempo que despertem a criatividade por meio da união entre tricô, poesia, expressão artística e ancestralidade. A simbologia inerente ao fio é explorada para além de sua materialidade, abordando também significados puramente simbólicos, como o “fio da vida”. Soma-se a essa dinâmica a reflexão sobre a posição do outro na relação com o sujeito – como essa relação se constrói a partir de uma troca que interliga ambos os lados, à semelhança do fio vermelho na lenda japonesa do *Akai Ito*[1] –, explicitando a inexistência do “eu” sem o “outro” e vice-versa. A metodologia da formação envolve o contato com diversas expressões artísticas, como música e obras plásticas que utilizam o fio como matéria-prima. Foram explorados artistas



13ª FEBRAT

como Sérgio Pererê, Ana Maria Maiolino, Tigra e Sonia Gomes[2]. Portanto, as metodologias aplicadas no GTD centraram-se em duas partes principais: o contato com a arte (por meio de rodas de cantiga, rodas de apreciação e exposição de obras) e a prática manual do tricô de dedos. Nos encontros, o confronto entre a imagem esperada e a criação concreta oferece às crianças a experiência de pensar e tecer suas próprias histórias e narrativas. Elas também são incentivadas a explorar a coordenação motora, a expressão artística e o apreço pelos trabalhos manuais, pelas palavras e pelos fios. Ademais, espera-se que o grupo seja um espaço de desenvolvimento da atenção, da calma, da concentração e de uma percepção observadora e cuidadosa em relação a cada produção. Até o momento, já foi possível observar como as crianças vêm se apropriando desse espaço de criação. No primeiro encontro, por meio de uma roda de apreciação de peças de tricô e crochê, mostraram-se motivadas e animadas com a proposta. Perguntaram se também conseguiriam fazer tricô e demonstraram grande interesse em manusear as lãs. Nesse mesmo dia, receberam a tarefa de descobrir as memórias de suas famílias relacionadas a trabalhos com fios, linhas e lãs e trazê-las para compartilhar com a turma. Como resultado, no encontro seguinte, diversas crianças trouxeram fragmentos de suas histórias. A partir daí, iniciou-se de fato o processo de aprendizagem do primeiro ponto, carinhosamente chamado de “ponto peixinho”. As crianças realizaram tranças finas e simples, criando pulseiras e cordões. Acreditávamos que seriam necessárias algumas aulas para que a técnica fosse compreendida pela maior parte do grupo; contudo, notamos que a curiosidade e o desejo de manusear as lãs em suas variedades de cores construíram um incentivo para que se dedicassem e alcançassem um resultado manual já muito satisfatório no segundo encontro. Também foi interessante perceber como crianças que comumente apresentam uma conduta mais agitada nas aulas, com certa dificuldade de concentração,



13ª FEBRAT

ficaram calmas e conseguiram aprender o ponto com razoável rapidez. Nos encontros subsequentes, a música “Costura da Vida”, do artista Sérgio Pererê, passou a ser trabalhada em conjunto com uma brincadeira e com obras plásticas apresentadas às crianças. Dessa forma, aos poucos, a turma está aprendendo a costurar suas próprias histórias, desenvolvendo também a parcimônia necessária para esse tipo de criação e aprendizagem.

[1] A lenda japonesa *akai ito* consiste na crença de que um fio vermelho conecta o destino das pessoas. Dessa forma, independente do tempo que passe ou a distância que as separa, elas irão se encontrar e construirão uma história juntas.

[2] Sérgio Pererê: cantor, compositor, multi-instrumentista, ator e diretor musical. Ana Maria Maiolino: artista plástica. Tigra: artista visual, música e comunicadora. Sonia Gomes: artista visual afro.

Referências

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Tradução de Marcus Vinícius Mazzari. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

CARVALHO, Lucas Dias Rebello de; CARVALHO, Alex Moreira. A Relação entre Arte e Vida em Vigotski: Uma Análise Conceitual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, 2023. DOI: 10.1590/1982-3703003256598.

PIAGET, J. Aprendizagem e Conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.